

A ORIGEM DE FILIPE DE CAMPOS, TRONCO PAULISTA

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas

Resumo: *Uma primeira versão deste artigo foi publicada na Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, em 1991. Tratava da origem do Capitão Filipe de Campos, tronco da família Campos de São Paulo de meados do século XVII, derrubando mitos criados por Pedro Taques, Silva Leme e outros autores. Novas pesquisas foram realizadas em Portugal e no Brasil. Mais recentemente, com a descoberta de que o avô materno do mencionado tronco paulista, Jaques de Campos, fora um artista respeitado na Lisboa quinhentista, percebi que era o momento de preparar uma nova versão da origem da família Campos. O assunto está aberto para novas pesquisas e descobertas...*

Abstract: *A previous version of this article was published in the commemorative edition of the 50th anniversary of the Instituto Genealógico Brasileiro in the year 1991. In dealt on the origin of Captain Filipe de Campos, ancestor of the Campos family of São Paulo in the middle of the 17th Century thus nullifying the myths created by Pedro Taques, Silva Leme and other authors. New researches were realized in Portugal and Brazil. More recently, after the discovery that the maternal grandfather of the mentioned Paulista ancestor Jaques de Campos had been a renowned artist in the 16th Century Lisbon, I understood that it was the moment of preparing a new version of the history of the Campos family. This also the moment for new researches and discoveries on this subject...*

INTRODUÇÃO

Uma primeira versão deste artigo foi publicada por ocasião do Jubileu de Ouro do Instituto Genealógico Brasileiro, em 1991, sob o título *Discussão sobre a origem da família Campos*¹. Depois, novas pesquisas foram realizadas em Portugal (com a descoberta do testamento de Antônia de Campos) e no Brasil. Recentemente, pela *Internet*, com a descoberta de que o avô materno do

¹ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Discussão sobre a origem da família Campos*. In Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: IMESP, 1991. pp. 603-613.

tronco paulista, Filipe de Campos, de nome Jaques de Campos, fora um artista respeitado na Lisboa quinhentista, entabulei buscas em livros portugueses da arte maneirista, no que tive ajuda do especialista Professor Dr. Vítor Serrão. Por fim, ao pesquisar na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em um livro, se não o único, certamente um dos poucos existentes no Brasil, que trata de resumos de processos para familiares do Santo Ofício, da letra a.² Ali, para minha sorte, estava o procurado neto de Jaques de Campos, com a devida identificação do processo. Aliás, foi este o primeiro a ser pedido na Torre do Tombo, quando ali estive em setembro de 2007.

Por todas essas novas descobertas percebi que era o momento de preparar uma nova versão do artigo. Apesar de não assinar o apelido Campos, tenho grande interesse pelo esclarecimento da origem da família. Afinal, sou descendente, 14 vezes, do mencionado tronco.

Nosso homem, que dá título a este artigo, era português, nascido por volta de 1615 na antiga freguesia de Loreto, atual bairro de Nossa Senhora da Encarnação, cidade de Lisboa, mais exatamente na rua da Barroca, no Bairro Alto, morada de seus pais e de seus avós maternos. Desde a década de 60 do século XX a região do Bairro Alto é conhecida por ser reduto da boêmia lisboeta. A igreja do Loreto foi completamente destruída em um incêndio ocorrido em 29 de março de 1651.³

Sua descendência vem descrita nas clássicas obras paulistas *Nobiliarquia Paulistana*⁴ e *Genealogia Paulistana*⁵. Entretanto, ali se lêem origem e filiação contraditórias, pelo que se apurou em minhas pesquisas, já corrigidas na primeira versão deste trabalho. Vale lembrar que, para o estudo das famílias paulistas não se deve supor que a obra de Silva Leme substitua a de Pedro Taques, pois mesmo servindo de base para a publicação gigantesca de Silva Leme, Taques impõe-se com notáveis narrativas históricas e genealógicas, as quais muitas vezes podem ser consideradas fontes primárias, quer pelo desaparecimento dos documentos ali arrolados, quer pelo testemunho do historiador presente aos fatos. Naquela oportunidade mostrei que Filipe de Campos era filho do flamengo

..... Eduardo de; e TÁVORA, Arthur de. *Extractos dos processos para familiares do Santo Ofício*, Vila Nova de Famalicão: Gráfica Minerva, 1937.

COSTA, António de Carvalho. *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*. Vila do Conde, Portugal: Tipografia Domingos de Oliveira, 1929. Volume VI, pp. 194-198.

⁴ LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. II, 173.

⁵ LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia., 1904. Volume IV, p.165.

Francisco (e não Filipe) van der Borg (será adotado seu nome sem a preposição **de**, já que **van** tem a mesma função) e de sua mulher, a portuguesa (e não espanhola) Antônia de Campos (e não del Campo).

DERRUBANDO MITOS CRIADOS PELOS AUTORES

Vou iniciar a discussão pela obra de Silva Leme, pois esta versão é a que ficou consagrada na genealogia paulista. O seu engano deveu-se à aceitação plena da publicação da *Vida do Padre Estanislau de Campos*, editada em língua portuguesa em 1889.⁶ Essa obra foi escrita em 1765 em Roma, oitenta anos após a morte de Filipe de Campos, não por um sobrinho do dito padre, como asseverou Silva Leme, mas por um jesuíta que quis se manter anônimo. Deve ter-se confundido porque foi um sobrinho-neto do Padre Estanislau, o padre jesuíta José da Costa Lara⁷, quem trouxe o original para o Brasil.⁸ Oitenta anos é tempo mais do que suficiente para que a memória se deteriore e confusões apareçam. Segundo a "Vida", Filipe de Campos teve de sua mulher Margarida Bicudo duas filhas e cinco filhos, quando se sabe que teve, pelo menos, quatro filhas e oito filhos. E que seria filho de Filipe de van der Borg e de sua mulher Antônia del Campo, sobre os quais o autor escreveu: *procedem da Espanha e da Bélgica, naquele tempo sujeita ao Rei da Espanha, pelo motivo que agora exporei.*

E prossegue:

Filipe de Banderborg, nobre belga, fora pelos seus patrícios mandado duas vezes como embaixador ao Rei: da primeira vez certamente o êxito correspondeu aos seus desejos; da segunda, porém, baldados foram o trabalho e o cuidado da embaixada, e inúteis foram os rogos junto ao Rei. Assim, envergonhado, não animou-se a voltar para os seus concidadãos, e renunciou à pátria. Dominado pela angústia em consequência de semelhante motivo, e mudando de parecer (como costuma suceder) não demorou-se na Espanha: porque casando-se ali com Antônia del Campo, passou para Portugal.

⁶ *Vida do Padre Estanislau de Campos da Sociedade de Jesus*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1889, primeira edição em português (a anterior fora em latim) a cargo de Tristão de Alencar Araripe.

⁷ LEME, Luís Gonzaga da Silva. Op. citado, IV, 190.

⁸ BOURROUL, Estevam Leão. *O doutor Ricardo Gumbleton Daunt*. São Paulo: Tipografia Espindola, Siqueira & Cia., 1900.

*Então Filipe de Campos Banderborg, o mais moço dos três filhos⁹ aqui gerados, vendo agitadas as cousas pelos sucessos da guerra, e concitado pelo amor da glória humana, alistou-se como soldado voluntário, veio para o Brasil, e do Rio de Janeiro, que é a metrópole do Brasil, trasladou-se para Paulópolis (*São Paulo), que é outra cidade da mesma região.*

Quão santa e piamente vivera Filipe perante Deus, embora nenhum monumento nos reste da sua inteireza e santidade, assaz o demonstra o seu nobre despojo corpóreo, sendo a cabeça admiravelmente conservada, e espargindo de si grato perfume em todos os sábados.

*Conta-se, além disso, que Filipe, depois de morto, aparecera a Bartolomeu de Quadros, sacerdote verdadeiro e probo, e lhe lembrara o pacto, que em vida ambos fizeram acerca da morte, para que aquele que primeiro morresse viesse certificar ao supérstite (*sobrevivente) o dia próximo do óbito. Na verdade a morte de Bartolomeu aconteceu no dia que fora designado pelo predefunto amigo, que assim cumpriu o pacto, e o divulgou.*

Já Pedro Taques, que provavelmente não conhecia o texto citado atrás, e baseado em documentação ainda hoje existente e analisada para este trabalho, afirmou que Filipe de Campos seria filho de Francisco van der Borg e de Antônia de Campos. Como prova documental temos seu testamento e o processo de habilitação de "genere et moribus" de seu filho, o Padre Filipe de Campos de Abreu. Vamos a eles:

Consta do inventário que se fez por sua morte, que Filipe de Campos fez testamento em 1º de dezembro de 1681 em Santana de Parnaíba.¹⁰ Neste instrumento afirmou:

Declaro que sou natural da cidade de Lisboa nascido no bairro Alto na rua da Barroca, freguesia de Loreto; filho legítimo de Francisco de Banderbor e de sua mulher Antônia de Campos ambos já defuntos.

Adiante prosseguiu:

Declaro que por morte de minha mãe Antônia de Campos me ficaram umas casas de dois sobrados na dita rua da Barroca de que mandei procuração a Manuel de Almeida Pernes morador na dita cidade de Lisboa na rua no-

⁹ Pelo testamento de sua mãe, tinha apenas um irmão.

¹⁰ *Inventários e Testamentos* (publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo), volume XXI, pp. 227-252, ano 1921.

va defronte de Nossa Senhora de Oliveira, o qual há muitos anos me não escreve nem tem dado correspondência nenhuma, do qual tenho cartas em que me pedia procuração.

Outro documento importante é a habilitação "de genere et moribus" de seu filho em 1671, o suplicante Padre Filipe de Campos de Abreu.¹¹ O apelido *Abreu* não vem explicitado por onde viria, se por parte paterna ou materna. Pela materna é mais difícil aceitar, por serem paulistas e bem conhecidos dos genealogistas e nenhum de seus parentes assinar esse apelido. O habilitando mostrou ter sido batizado em 18 de março de 1647 na matriz de São Paulo e ser filho de Filipe de Campos e de Margarida Bicudo; neto paterno de Francisco de **Randerborga** (mais uma variante para o mesmo apelido), natural de Anvers, Estado de Flandres e de Antônia de Campos, natural da cidade e corte de Lisboa; neto materno de Manuel Pires e de Maria Bicudo, já defuntos, moradores que foram na vila de São Paulo. A declaração dos avós paternos deve ter sido dada pelo Capitão Filipe de Campos, que, pelos anos de 1671 estaria plenamente lúcido.

Das inquirições contidas na dita habilitação, dois testemunhos são preciosos e merecem ser reproduzidos. O de Diogo Ferreira (juiz dos órfãos de São Paulo em 1671, então com cerca de 58 anos de idade, natural do bispado de Coimbra), que disse que sabia, por notícias, que o avô paterno do suplicante, Francisco de **Bandemburgo** (outra variante), flamengo de nação, casara-se na cidade de Lisboa, e que conhecera um parente da avó paterna do suplicante, muito chegado, morador no Algarve, e um cunhado seu, morador em Lisboa, familiar do Santo Ofício.¹² E o testemunho do Alferes Manuel de Lima Pereira (lisboeta, com 50 anos), asseverando, nos dizeres da época, que conhecera ...

... ao avô paterno (Francisco van der Borg) em Lisboa ser um homem flamengo e a sua mulher cujos nomes lhe não lembram, porém tidos e havidos geralmente por gente honrada limpos e de limpo sangue sem raça de mouros, judeus, mulatos, nem de outra infecta nação, sem haver rumor nem fama alguma do contrário, e que ele testemunha se criara e fora condiscípulo do pai do suplicante e sempre o conhecera por muito bom cristão e de bom exemplo como hoje é.

Sobre ele escreveu Pedro Taques:

¹¹ Habilitação "de genere et moribus" em 1671- processo nº 1-1-19 do Padre Filipe de Campos de Abreu, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

¹² Trata-se de **Agostinho Dias**, primo irmão do tronco, Filipe de Campos. Descobri sua identidade, por acaso, em "Extractos dos processos para familiares do Santo Ofício", de Eduardo de Miranda e de Arthur de Távora, acima citado.

Filipe de Campos era pessoa de nobreza e tendo acabado os estudos de gramática no Colégio de Santo Antônio, o mandaram seus pais para a Universidade de Coimbra: tinha feito algumas matrículas, quando por acidentes do tempo e extravagâncias de estudantes fez uma morte, cujo sucesso o fez sair de Coimbra; e porque ainda na corte e casa de seus pais não podia viver seguro, gozando a liberdade de passear público, tomou a resolução de se passar ao Brasil a meter tempo em meio. Veio para a cidade da Bahia (Salvador) onde então o Provincial jesuíta era sujeito de seu conhecimento, e com o mesmo passou a São Paulo atraído já de amizade, que tinha conciliado com o religioso natural de São Paulo, o Padre Vicente Rodrigues, que o recomendava a parentes, e muito mais a seus pais, para que o casassem com sua irmã Margarida Bicudo, por ser pessoa de conhecida nobreza e homem estudante e de boa capacidade. Com efeito, chegou a São Paulo Filipe de Campos, onde foi tratado com agasalho urbano dos paulistas da primeira nobreza, e entre eles o Capitão Manuel Pires, para quem vinha recomendação da cidade da Bahia do filho o Padre Vicente Rodrigues.¹³ Agradou-se tanto o Capitão Manuel Pires, do dito Filipe de Campos, que veio a tomá-lo por genro.

Continua Taques:

Foi Filipe de Campos cidadão de São Paulo, em cuja república serviu repetidas vezes os cargos honrosos dela, e muito mais sendo adornado de muita civilidade, cortês política e boa instrução, com lição da história, por cujas prendas se fazia estimado e aplaudido geralmente.

Consultado o Arquivo da Universidade de Coimbra, nada se encontrou acerca de Filipe de Campos, o que nada ajuda neste caso. Afinal, pode ou não ter estudado em Coimbra. Mas de onde Taques teria colhido essas informações? E a de que ele viera para o Brasil por um crime praticado quando estudante? E que viera recomendado para São Paulo pelo seu futuro cunhado, o Padre Vicente Rodrigues? Todas essas fontes parecem vir do relacionamento que Pedro Taques tivera com o Padre Estanislau de Campos, S.J., filho do tronco, seu mestre na adolescência, e portanto sujeitas essas lembranças, também, a possíveis erros. O

¹³ Apesar de não constar o nome de Vicente Rodrigues como filho de Manuel Pires nas genealogias de Pedro Taques e de Silva Leme, e nem tampouco da monumental obra do Padre Serafim Leite: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, essa fraternidade vem confirmada em um testemunho do Capitão Guilherme Pompeu de Almeida, por ocasião da habilitação *de genere* de Filipe de Campos de Abreu.

que existe de concreto hoje, documentalmente falando, é que nada confirma as palavras de Taques, especialmente com relação à vinda de Filipe de Campos diretamente para São Paulo, pois ao folhear certa vez o primeiro livro de casamentos da Sé do Rio de Janeiro, no seu Arquivo da Cúria Metropolitana, deparei com um Filipe de Campos filho de Francisco de Vargas e de Antônia de Campos, naturais de Lisboa, que se casara em 21 de abril de 1641 com Catarina Aparissa. Esta pouco viveu após o casamento, tendo falecido em 29 de janeiro de 1642 no Rio de Janeiro, sem deixar filhos.

Pelas datas e pelas coincidências parecem ser a mesma pessoa. Pelo inventário do nosso Filipe de Campos vê-se que tinha relações com o Rio de Janeiro, o que nada prova; mas, se verificarmos, com alguma boa vontade o apelido de seu pai, Francisco van der Borg, também nomeado **van der Vorga**, não é difícil aceitar, por engano ou mau entendimento do pároco, o apelido **Vargas**.

Então, viúvo e sem filhos, veio para São Paulo, onde se casou em 9 de agosto de 1643, na Sé. Em seu testamento, Filipe de Campos não citou esse seu possível primeiro casamento, e na verdade não seria obrigado a fazê-lo, visto que não tivera filhos. Não afirma, entretanto, que fora casado uma única vez, mas apenas: "Declaro que sou casado com Margarida Bicudo"...

Sobre a freguesia onde Filipe de Campos teria nascido, há uma discordância ao se deparar com o processo de habilitação ao Santo Ofício de Domingos Jorge da Silva, em 1711.¹⁴ Ele era casado com sua neta Margarida Bicudo, do qual processo consta que ele lisboeta, mas natural da freguesia de São Paulo.¹⁵

Finalmente, um breve comentário sobre as relações entre Flandres e Portugal. Elas foram intensas e remontam à própria formação de Portugal, quando D. Afonso Henriques persuadiu cruzados flamengos a aderirem à sua causa. Antérpia, em língua flamenga, ou Anvers, em francês, podia ser considerada no século XVI a capital da Europa, pela importância de seu comércio e pela localização privilegiada de seu porto, fazendo dela o principal centro de criação das artes flamengas. A guerra religiosa que se deu com a Reforma e com a Contra-Reforma, acabou por infligir à cidade de Antuérpia um êxodo de seus habitantes, tanto de católicos, como de protestantes, tendo muitos de seus moradores, artistas e comerciantes, se ausentado para fora do país à procura de melhores oportunidades. O governo espanhol, que então dominava a região, através de seu repre-

¹⁴ Habilitação ao Santo Ofício, em 1711, de Domingos Jorge da Silva, maço nº 21, documento nº 419. In IAN/TT.

Esta freguesia desde 7 de junho de 1913 passou a ser denominada Marquês de Pombal, tendo sido duramente atingida pelo terremoto que acometeu a cidade em 1755.

colegas, e pelos altos preços cobrados, ele deveria ser um dos mais conceitados marceneiros de retábulos, conforme observou o Dr. Vítor Serrão. Para este estudo da arte portuguesa, todos os seus trabalhos estão perdidos, salvo o da Misericórdia de Alcochete, de 1586, que lhe deve ser atribuído com todo o fundamento. Ainda de acordo com este autor, esses foram os trabalhos de Jaques de Campos de que existe memória:¹⁹

- 1568-69- Igreja de Santa Catarina do Monte Sinai, em Lisboa, em associação com Estácio Martins, carpinteiro flamengo;
- 1571- contrato firmado com o lavrador Martim Afonso;
- 1578- altar de São Tiago de São Julião;
- 1578- Confraria de Santiago, sita na igreja de São Julião, conforme traça entregue para o efeito pelo arquiteto Nicolau de Frias;
- 1588-92- Misericórdia do Montijo;
- 1600- São Pedro de Alfama;
- 1605- Igreja de São Miguel de Alfama, de Lisboa, em colaboração com Baltazar Soares;
- 1610- Santa Justa;
- 1610- Irmandade de Nossa Senhora da Visitação, sita na igreja de Santa Luiza, de Lisboa, seguindo o modelo do altar da padroeira do mesmo santuário;
- 1613- Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, de parceria com Valério de Campos, que se julga ter sido seu parente (filho?) e Simão Coelho;
- 1617- Igreja de São Julião, de Setúbal, sob o risco e a direção do arquiteto Baltazar Álvares;
- sem data- entalhador das obras da Mesa de Consciência e Ordens.

Consoante os pesquisadores de Arte de Portugal, Jaques de Campos poderia ser de origem alemã, conforme sugeriu Sousa Viterbo²⁰, ou talvez flamen-

..... *O escultor maneirista Gonçalo Rodrigues e sua actividade no Norte de Portugal* *Tomás Luís e o antigo retábulo da Igreja da Misericórdia de Aldeia Galega do Ribatejo*.

²⁰ SOUSA VITERBO, Francisco Marques de. *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros, e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, II, Lisboa, 1904, p. 212.

ga, hipótese proposta por Vitor Serrão²¹. Nesse caso teria adaptado ao português o seu apelido original, provavelmente Kempis²². Deve-se lembrar ainda que houve um outro flamengo, Lucas de Campos (nome aportuguesado), que vivia em Lisboa pelos anos de 1565.²³

Quando consultei, em 1991, o Professor Eddy Stols, da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, ele supôs origem flamenga, originado de **van de Velde**, citando como exemplo dois flamengos, homônimos, que se passaram para Portugal aportuguesando seus nomes para Francisco de Campos. Curiosamente ele havia esquecido de mencionar que escrevera um artigo em 1971, baseado na obra de Pedro Tauques, sobre um dos Franciscos de Campos, como segue²⁴:

Francisco de Campos, nascido em 1526 em Antuérpia, filho de Cornélius e Amalbriga, partiu por volta de 1565 para Lisboa, após uma estada de dois anos na Inglaterra. Em 1569 ele embarcou para o Brasil para ir até o engenho de seu cunhado Romão Peres. Uma de suas irmãs, ou talvez sua filha, Antônia de Campos, nascida em Lisboa, casou-se com o flamengo Francisco de Wanderburg, aliás Van derBorch; e seu filho Filipe de Campos, nascido em Lisboa, estudou em Coimbra. Devido a um duelo ele foi obrigado a buscar refúgio na Capitania de São Vicente, onde, em 1643, casou-se com Margarida Bicudo, a filha do capitão Manuel Pires, e tornou-se o ancestral de uma importante família paulistana”...

O citado Francisco de Campos foi qualificado como cristão-velho e vendedor de trigo, tendo sido acusado de luteranismo e por este motivo foi preso pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa.²⁵

A única certeza que se tem, lido o processo de seu neto ao Santo Ofício, a seguir resumido, é que era, de fato, estrangeiro.

²¹ SERRÃO, Vitor. *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*. Lisboa: Coleção Artes e Artistas, 1983. pp. 126-127.

²² SOUSA VITERBO, Francisco Marques de. Op. Cit., p. loc. Cit.

²³ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ...

STOLS, Eddy. *De Spaanse Brabanders*. Paleis der Academiën, 1971, p. 14, tópico 100. Agradeço o envio da cópia e também da tradução do holandês para o português, ao Sr. Luís Felipe de Lima Corrêa Leite.

²⁵ Processo nº 7.563 da Inquisição de Lisboa, do Tribunal do Santo Ofício. In IAN/TT.

A HABILITAÇÃO AO SANTO OFÍCIO DE AGOSTINHO DIAS

Agostinho Dias, o neto de Jaques de Campos, recebeu carta de familiar em 24 de janeiro de 1667.²⁶ Todas as testemunhas inquiridas disseram que o habilitando e sua mulher eram cristãos-velhos. Segue sua petição:

Diz Agostinho Dias, casado com Isabel Monteiro morador na cidade de Tavira Reino do Algarve que ele pretende ser familiar do Santo Ofício e para mostrar a limpeza de seu sangue diz ser filho legítimo de Roque Dias, e de Vicência de Campos, moradores na rua da Barroca desta cidade declara ser seu pai da carreira da Índia, avós paternos Agostinho Dias e Catarina de Abreu moradores que foram ao postigo de São Roque seus avós maternos Jaques de Campos e Luíza Tomé moradores na rua da Barroca a São Roque. Declara ser marceneiro, diz ser sua mulher filha de Ana Sarmenha e de Francisco Fernandes neta de Antônio Fernandes e de Isabel Pires, seus avós paternos de João Sarmenho e de Catarina Monteiro todos moradores que foram na dita cidade de Tavira e é legítima irmã assim de pai como de mãe de Manuel Fernandes Castanho e do Licenciado Antônio Monteiro ambos familiares do Santo Ofício.

Pede a Vossas Senhorias que procedendo as informações necessárias sejam servidos de o criarem familiar pois se sente capaz, e hoje na dita cidade de Tavira não há mais que só um que é o dito seu cunhado o Licenciado Antônio Monteiro. Esperando Receber Mercê.

Infelizmente o processo não é dos mais esclarecedores. Não contém nenhuma certidão.

O que se apurou de testemunhas ouvidas em 19 de agosto de 1663 na cidade de Lisboa, nos estaos e terceira casa das audiências da Santa Inquisição, sobre o habilitando:

- O habilitando era natural da cidade de Lisboa. Seus pais viviam na rua da Portuguesa, junto à bica de Duarte Belo.
- Seu pai era natural da cidade de Lisboa.
- Sua mãe seria natural do lugar de Montemor.
- Sobre os avós paternos: eram naturais da cidade de Lisboa, e moradores junto a São Roque. O avô paterno, Agostinho Dias, era calafate; conforme outra testemunha, fazia viagens à Índia.

- Sobre os avós maternos: Jaques de Campos era estrangeiro, imaginário, tendo feito obras no Carmo. Luiza Tomé era natural do dito lugar de Montemor, junto a Odivelas. Viviam no bairro de São Roque. Conforme outra, viveram em vários bairros. De acordo com outra, viveram na rua da Barroca. Segundo outra, Luiza Tomé vivia, viúva, na rua da Portuguesa.

Extrato de depoimentos de testemunhas ouvidas em 11 de setembro de 1666 na ermida de Nossa Senhora da Saúde, sita no lugar de Montemor, freguesia de Loires:

- O pai do habilitando, Roque Dias, fazia viagens para a Índia, onde faleceu;
- A avó materna, Luiza Tomé, era natural do lugar de Montemor, freguesia de Loires, e no dito lugar de Montemor morou alguns anos com seu marido e depois foi moradora em Lisboa. Outra confirmou, apenas detalhando que em Lisboa residiram no bairro alto.
- O avô materno, Jaques de Campos, era imaginário.

A GENEALOGIA DA FAMÍLIA CAMPOS

- I- JAQUES DE CAMPOS nasceu por volta de 1555. Não era português. Casou-se cerca de 1580, provavelmente na freguesia de Loires, com LUIZA TOMÉ, nascida cerca de 1560 na mesma freguesia, no lugar de Montemor. Jaques e sua mulher foram moradores na cidade de Lisboa, na freguesia de Loreto, na rua da Barroca e também na rua da Portuguesa.

Jaques faleceu em 10 de maio de 1621 em Loreto, tendo feito testamento, sendo testamenteira sua mulher Luiza Tomé, conforme a

Aos 10 de maio de 621 faleceu Jaques de Campos merceneiro digo imaginário mercador na rua da Barroca, sua mulher testamenteira- testamento.

Antonio de Lisboa.

Do casamento de Jaques de Campos com Luiza Tomé nasceram (todos batizados na freguesia de Nossa Senhora de Loreto), que se descobriu:

- 1 (II)- VALÉRIO, batizado em 18 de dezembro de 1583.²⁷ Padrinhos: André Pires e Maria Fernandes. É o Valério de Campos, citado como auxiliar de Jaques de Campos. Em 10 de janeiro de 1613 foi celebrado um contrato na cidade de Lisboa, na rua da Graça, junto ao Colégio de Santo Antão, o novo, nas casas de morada do Dr. Nuno Álvares Pinto Ribeiro. Esse contrato foi feito com Sebastião Domingues, pintor e dourador, para dourar o retábulo da capela do dito Dr. Nuno, no mosteiro de Santa Clara de Santarém. O mestre se encarregava ainda de reformar umas frasquias que Valério de Campos haveria de pôr no teto da dita capela.²⁸
- 2 (II)- ANTÔNIA, batizada em 8 de setembro de 1585.²⁹ Padrinhos: Bartolomeu Rodrigues e Ana da Ponte.
- 3 (II)- BERNARDO, batizado em 15 de fevereiro de 1587.³⁰ Padrinhos: Damião de Aguiar e D. Isabel de Vasconcellos.
- 4 (II)- ANTÔNIA DE CAMPOS, que segue no **II**.
- 5 (II)- VICÊNCIA DE CAMPOS, batizada em 29 de janeiro de 1592.³¹ Padrinhos: Geraldo Herrol, flamengo e Ana Tomé. Casou-se³² em 12 de novembro de 1618 na igreja de Loreto com ROQUE DIAS, também freguês da freguesia de Loreto, da carreira da Índia, filho de Agostinho Dias, calafate, e de Catarina de Abreu, moradores em Lisboa, no Postigo de São Roque.

Foram pais, talvez entre outros, de AGOSTINHO DIAS, marceneiro, que tirou carta de Familiar do Santo Ofício em 24 de janeiro de 1667, com processo resumido acima. Agostinho passou a residir na cidade de Tavira, Reino do Algarve, onde se casou com ISABEL MONTEIRO, irmã inteira de dois familiares³³ do Santo Ofício: Manuel Fernandes Castanho e do Licenciado Antônio Monteiro, filhos de Francisco Fernandes e de sua mulher Ana Sarmenho; netos paternos de Antônio Fernandes e de Isabel Pires; netos maternos de João Sarmenho e de Catarina Monteiro, todos moradores em Tavira.

. Is. 21-v do livro 1 de mistos.

. SERRÃO, Vitor. *O Maneirismo e o Estatuto Social...* Op. cit., pp. 352-353.

. Fls. 44 do livro 1 de mistos.

. Is. 65-v do livro 1 de mistos.

. Is. 39-v do livro 1-A de mistos.

. Lº 1º de casamentos da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, fls. 83.

- 6 (II)- ANA DE CAMPOS, batizada em 24 de agosto de 1597, sendo padrinhos João Paulo e Ana Tomé.³⁴ Casou-se³⁵ em 24 de janeiro de 1624 na freguesia de Loreto com ANTÔNIO GOMES, filho de Francisco Gonçalves e de Guiomar Gomes. Testemunhas do casamento: Jerônimo Rozer, Valentim de Larona, **Francisco van der Vorga**, Simão de Souza, homem que acompanha e Pedro Gonçalves.
- 7 (II)- CATARINA, batizada em 1º de novembro de 1601.³⁶ Padrinhos: Sebastião de Brito e Ana Tomé.

II- ANTÔNIA DE CAMPOS foi batizada em 19 de fevereiro de 1589 na freguesia de Nossa Senhora de Loreto, onde se casou em 4 de maio de 1611 com o flamengo FRANCISCO VAN DER BORG, nascido por volta de 1586 na cidade de Anvers, filho de Jorge van der Borg. A partir de 1624 a família Borg não constou mais dos livros paroquiais de Loreto, dando a impressão de que teriam se mudado desta freguesia (se passaram para a de São Paulo em Lisboa, os registros paroquiais deste período parecem estar perdidos).

Assento de batizado lançado às fls. do livro 1-A de mistos da freguesia de Loreto (corria o dia 19 de fevereiro de 1589):

Antônia.

Em o mesmo dia batizei Antônia filha de Jaques de Campos e de Luiza Thomé. Foi padrinho Nicolau de Frias e madrinha Ana Thomé.

Francisco da Costa.

Assento de casamento lançado às fls. 133-v do livro 4 de mistos, da freguesia de Loreto:

Francisco van de Borga

Antônia de Campos

Aos 4 de maio de 611 recebeu o padre André Mateus de meu mandado a Francisco van da Borga natural da cidade de Anvers filho de Jorge van da Borga, com Antônia de Campos natural desta cidade filha de Jaques de Campos e de Luiza Thomé por marido e mulher como manda

Fls. 13 do livro 2 de mistos.

Fls. 17 do livro 1 de casamentos.

Fls. 30 do livro 4 de mistos.

*a Santa Madre Igreja de Roma e por um alvará do doutor Antonio Corrêa. Testemunhas são Paulo Bartolomeu Rodrigues [na dúvida, pois também se lê São Paulo e Bartolomeu Rodrigues], Geraldo Henriques, Thomé Luís, Jorge João, João **Rogera**n [na dúvida], Lucas João, e o padre Domingos Fernandes. Rodrigo Bartolomeu.*

*Luís Gomes **Pinto** (na dúvida).*

Antônia de Campos fez testamento em 9 de abril de 1650 na cidade de Lisboa, escrito por Luís Corrêa de Almeida.³⁷ Nomeou por testamenteiro a Manuel Tavares. Disse ser viúva de Francisco de Borga. Pediu para seu corpo ser sepultado na freguesia de São Julião, no hábito de São Francisco, acompanhado dos frades do mosteiro de São Francisco. Entre outras disposições, deixou registrado o que segue:

Declaro que do meu marido me ficaram dous filhos por nome filipe de campos e francisco de borga os quais são ausentes há muitos anos e de francisco de borga se não sabe novas nenhuma nem sei se é vivo se é morto e o outro está casado em são Paulo partes do Brasil os quais conforme o direito são meus herdeiros forçados.

Em caso de seu filho Francisco de Borga ser falecido e não deixar herdeiros, deixava a sua parte para a irmã dela testadora, Vicência de Campos. Declarou possuir apenas uma morada de casas na rua da Barroca, as quais lhe tocaram por partilhas que se fizeram por morte de seu marido. Ela não sabia ler nem escrever. Seu testamento foi aprovado no mesmo dia 9 de abril, em casas de morada do mercador Manuel Tavares, estando ela doente em cama, mas em seu perfeito juízo.

Do casamento de Antônia de Campos com Francisco van der Borg nasceram:

1 (III)- FILIPE DE CAMPOS, que segue.

2 (III)- FRANCISCO DE BORG. Sem mais notícias.

III- CAPITÃO FILIPE DE CAMPOS nasceu cerca de 1615 na freguesia de Loreto (os assentos de batizado neste período parecem estar perdidos). É possível que a escolha do nome **Filipe** para o filho do casal luso-flamengo fosse uma homenagem ao monarca de ambos.

Vindo para o Brasil, estabelecendo-se primeiramente, segundo minha hipótese, na cidade do Rio de Janeiro, onde se casou, na igreja da

Sé, em 21 de abril de 1641 com Catarina Aparissa, sendo testemunha, entre outros, o Governador Salvador Corrêa de Sá.³⁸

Assento de casamento lançado às folhas 125-v do 1º livro de casamentos da Sé do Rio de Janeiro, existente no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro:

Filipe de Campos

Em vinte e um dias do mês [corria o mês de abril de 1641] feitas as três admoestações em as diligências que em direito se requerem às quatro horas da tarde recebi por palavras de presente em casa, com licença, a Filipe de Campos filho de Francisco de Vargas e de Antonia de Campos sua mulher naturais de Lisboa com Catarina Aparissa filha de Manoel Antunes e de Isabel Aparissa sua mulher estando por testemunhas o governador Salvador Corrêa de Sá, Dom Antonio sargento-mor, o capitão Francisco de Sousa e outra muita gente.

Manoel da Nóbrega.

Sua primeira mulher, Catarina Aparissa, pouco viveu após o casamento, já que faleceu em 29 de janeiro de 1642 no Rio de Janeiro, sem deixar filhos, conforme o assento de óbito lançado às folhas 17-v do 3º livro de óbitos da Sé do Rio de Janeiro (1639 a 1653), no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro:

Catarina Aparissa

Em vinte e nove do mês de janeiro (corria o ano de 1642) faleceu Catarina Aparissa mulher de Filipe de Campos fez testamento e nele deixou por seus testamenteiros ao dito seu marido e a seu pai Manoel Antunes. Não falou mais e nos frades do Carmo em cuja igreja se mandou enterrar e no seu hábito e acompanhamento e lhe fizessem um ofício de nove lições os mesmos frades. Declarou que o remanescente de sua terça deixaria a seu marido Filipe de Campos. Declarou que não tinha filhos e o dito seu pai Manoel Antunes era seu herdeiro. Deixou de esmola à Casa da Santa Misericórdia para acompan..... seu corpo dois mil réis e à Nossa Senhora do Bonsucesso dois mil réis.

Manoel da Nóbrega.

³⁸ RHEINGANTZ, Carlos G. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965. Volume I, pp. 105 e 289.

Viúvo (?), o Capitão Filipe de Campos passou para a vila de São Paulo, onde se casou na igreja matriz (Sé), em 9 de agosto de 1643, com a paulista Margarida Bicudo, filha do Capitão Manuel Pires e de Maria Bicudo. O assento do matrimônio foi visto e anotado por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, para a sua *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*.³⁹ Já se achava perdido antes de 1900, por ocasião das cópias feitas por Luís Gonzaga da Silva Leme, na coleta de dados para a *Genealogia Paulistana*.

De São Paulo, acompanhando a evolução do território paulista para oeste, transferiu sua morada, com mulher e filhos, para Santana de Parnaíba. Ali serviu por diversas vezes os cargos da república. Assim, em 1662, era juiz ordinário e dos órfãos; em 1679, novamente juiz ordinário.⁴⁰ Foi irmão da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo no ano de 1671, bem como juiz da Confraria do Santíssimo Sacramento.⁴¹

Por sua morte, fez-se auto de inventário em 25 de maio de 1682 na vila de Santana de Parnaíba, no sítio e fazenda que foi do defunto Filipe de Campos, na paragem chamada Itapecerica, sendo inventariante a viúva Margarida Bicudo. De bens de raiz foram lançados uma morada de casas na vila, de dois lanços com seu sobrado de taipa de pilão (avaliada em 40\$000) e um sítio com casas de telha de três lanços com seus corredores de telha de taipa de mão, com 60 braças de testada e meia légua para o sertão, cerca de 16 alqueires paulistas⁴² (avaliado em 60\$000), mais 300 braças de testada e 700 braças para o sertão, cerca de 35 alqueires paulistas, que partiam com terras do sítio acima (avaliadas em 12\$000). Fizera testamento em 1º de dezembro de 1681 na vila de Santana de Parnaíba, escrito pelo Padre Bernardo de Quadros. Rogou para serem seus testamenteiros: à mulher Margarida Bicudo, ao filho o Padre Filipe de Campos, aos genros Antônio Antunes e Francisco Cardoso. Pediu para seu corpo ser sepultado na igreja matriz da vila de Parnaíba, na sepultura de seu filho

³⁹ LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. Op. citado, II, 173; III, p. 182.

⁴⁰ GODOY, José Eduardo Pimentel de. *Câmara municipal de Santana de Parnaíba: catálogo de seus membros no período colonial*. In Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: IMESP, 1991. pp. 167, 169.

⁴¹ Habilitação "de genere et moribus" em 1671- processo nº 1-1-19 do Padre Filipe de Campos de Abreu, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Antônio de Campos. Pedia que seus filhos sacerdotes, Filipe de Campos e Estanislau de Campos⁴³, lembrassem de sua alma em seus sacrifícios.

Seu testamento foi aprovado no mesmo dia, em casas de morada do Capitão Filipe de Campos, estando ele doente em cama, em seu perfeito juízo e entendimento. Recebeu o “cumpra-se” em 18 de dezembro de 1681 em Parnaíba.

A mulher de Filipe de Campos, Margarida Bicudo, sobreviveu muitos anos ao marido, vindo a falecer em Itu, para onde se transferira de Santana de Parnaíba com muitos de seus filhos e genros. Fez testamento em 16 de abril de 1704 em Itu.⁴⁴ Rogou para serem seus testamenteiros ao filho Manuel de Campos (que veio a prestar contas das disposições do testamento), ao genro Capitão Antonio Antunes Maciel e ao filho Nuno de Campos Bicudo. Nesse instrumento, Margarida pedia para seu corpo ser sepultado no convento de São Luís em Itu, do qual era irmã professa. Seu testamento recebeu o “cumpra-se” em 27 de fevereiro de 1708 em Itu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jaques de Campos foi marceneiro, entalhador e escultor, ou seja, um oficial mecânico, apesar de tentativas de reconhecimento da “nobreza” e “liberalidade” de sua profissão, como bem estudou o Dr. Vitor Serrão.⁴⁵ No artigo em que trata da nobilitação do “artista liberal” ao se separar das corporações dos artesãos manuais, o autor defendeu a tese na qual a emancipação dos pintores de óleo se verificou, pela primeira vez, em Portugal, durante o período do maneirismo. E que de fato houve a “aristocratização” de artistas na burguesia lisboeta.

Enfim, a família Campos não era nobre como as genealogias de Pedro Taques e de Silva Leme lhe impingiram. O que não impediu que a família galgasse posições na sociedade paulista. A propósito, cabe lembrar uma passagem de uma tese proposta em um artigo meu:⁴⁶

História da Companhia de Jesus no Brasil

⁴⁴ Prestação de contas ao testamento de Margarida Bicudo em 1715. Série de inventários não publicados na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo sob nº de ordem 500.

⁴⁵ *O Maneirismo e o Estatuto Social...* Op. citado. pp. 240-256.

⁴⁶ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *A Gente Paulista e sua Genealogia*. In *Revista da ASBRAP* nº 12, pp. 275-282.

Mostrar que o sangue paulista não é tão azul quanto se diz não diminui a qualidade de sua gente. Porque a sua nobreza não tem por origem fidalgotes portugueses, melancólicos ou sem fortuna que para cá vinham. Ao contrário, tem por origem a classe popular de Portugal, que trazia consigo uma vontade inabalável de melhorar de vida, valendo-se de suas características naturais, como o amor ao trabalho e a intrepidez. Era o melhor do espírito português, tão decantado por Camões, que se trasladou para o outro lado do Atlântico. Acabaram por formar uma nova classe social, a chamada nobreza da terra⁴⁷ que, ao longo de séculos de trabalho fecundo, amealhou respeito e poder, encontrando-se perfeitamente formada e estabelecida em São Paulo já no século XVII. Portanto, mais antiga e tradicional que muitas das atuais nobrezas européias.

Além de Filipe de Campos ter servido a governança, ser irmão e ter ocupado cargos nas ordens das misericórdias, ou seja, ter vivido nobremente, seus descendentes viveram à lei da nobreza e muitos foram grandes proprietários de terras e senhores de engenho. Um alcançou o cargo de presidente da República (Manuel Ferraz de Campos Sales). Alguns deles conquistaram títulos nobiliárquicos no Império Brasileiro e na Santa Sé: Marquês de Três Rios, Conde (por Breve Apostólico) Dom José de Camargo Barros (bispo), Conde (por Breve Apostólico) Dom Francisco de Campos Barreto (bispo), Conde (por Breve Apostólico) de Lara, 2º Conde (por Breve Apostólico) de Siciliano, 1ª Condessa (por Breve Apostólico) de Siciliano, Condessa de Parnaíba, Condessa de Prates, Viscondessa de Indaiatuba, Viscondessa da Cunha Bueno, Barão de Vila Maria, Baronesa de Piracicamirim, Baronesa de Itapura, Barão do Cascalho, Barão de Monte Mor, Barão de Porto Feliz, Barão e Baronesa de Itaim, 3ª Baronesa (por Breve Apostólico) de Vasconcelos, etc.. Para lembrar de alguns artistas: José Ferraz de Almeida Júnior (pintor), Tarsila do Amaral (pintora), etc..

NOTAS:

1. Para o Professor Dr. Vitor Serrão, o **maneirismo** pode ser definido como a tendência artística e cultural dimanada de Itália e dominante na Europa do século XVI, que se caracterizou pela desintegração formal dos princípios harmônicos do classicismo, assumida nos seus programas teorizadores, através de uma reuni-

⁴⁷ A chamada *nobreza da terra* não era uma instituição ou uma ordem, como a de cavaleiros fidalgos, ou portadores de títulos nobiliárquicos. Era um grupo de pessoas que possuíam nobreza pessoal, adquirida por qualidades próprias e/ou por terem servido os cargos honrosos da república, ou por alcançarem graças reais.

ão ambígua de formas antagônicas (oriundas do espiritualismo medieval, do naturalismo renascentista, dos princípios reformistas e tridentinos, etc.), que lhe conferem um perfil autônomo e perfeitamente reconhecível por características próprias.⁴⁸ Genericamente, o maneirismo designa a arte européia entre os séculos XVI e XVII, de transição entre o Renascimento e o Barroco.

2. Quero aqui lembrar a gentil atenção, em 1991, de Carlos Alberto Domingues, Alvaro Airton Santin e D. María Etelinda Urrutia Mardones, da Igreja Mórmon.

... Vitor. *O Maneirismo e o Estatuto Social...* Op. cit.,...